

Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, 1957 1961



Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, 1957 1961

Portugal é um país muito pequeno, mas viajando de automóvel do Minho ao Algarve há a sensação de se chegar a África sem se atravessar o mediterrâneo. Já em Vila Nova de Gaia parece estarmos em África.

Implantação

A Escola do Cedro implanta-se num terreno inclinado. Apesar da repetição de certos elementos percebe-se uma adaptação ao terreno pela criação de socalcos ou pelos planos inclinados (na entrada).

Materiais

Uma vez mais o betão surge como esclarecedor da estrutura. Nas galerias de acesso às salas de aula, as vigas juntamente com os pilares, em alternância com as paredes brancas, reflectem o sistema estrutural. A expressividade do betão resulta também aqui do contraste com os elementos brancos.



No pavimento, a alteração do material cerâmico permite a marcação da entrada das salas de aula.

No recreio coberto a viga em betão adquire, porque diluída na estrutura em madeira, em menor impacto. Não é pela sua plasticidade que marca presença mas sim pela sua simplicidade e dimensão como limite espacial.

As caixilharias são de madeira. Mas mais do que molduras de vão, em certos momentos a mesma madeira cobre o topo da laje. Resulta assim, desde o exterior, uma leitura de continuidade dos vãos - visível nos lanternins da sala polivalente e nos alçados norte dos volumes de salas.

No conjunto, todos os materiais participam num jogo de contraste com os planos de reboco branco.

Estrutura | Estruturado

Há uma directa relação entre a malha estrutural e a divisão espacial. Apesar da sua leitura, os elementos estruturais verticais – paredes e pilares – estão inseridos nos planos definidores de espaço. A estrutura das coberturas revela vontade de esclarecimento estrutural e ganha, pela articulação com as entradas de luz, uma grande importância na definição do espaço. As coberturas adquirem, no interior, uma forte presença estrutural que é apoiada pelas fortes entradas de luz que elas próprias criam.



Paredes

Na Escola do Cedro, as paredes definem volumes. Não volumes puros mas volumes que resultam da agregação de outros. Resulta assim uma certa complexidade. Em determinados momentos as paredes soltam-se e adquirem a leitura de lâmina: nos recreios cobertos os limites nascentes e sul são definidos por lâminas independentes que se soltam mesmo até da cobertura.

Os volumes das salas de aula, entendidos como volumes iguais, distinguem-se pelo tratamento das suas fachadas norte. No volume à cota mais alta, a parede lê-se, apesar da vegetação, como um elemento contínuo onde as aberturas são vazios. Pelo contrário e apesar da semelhança de desenho dos vãos, no volume à cota mais baixa a parede é interrompida pelas aberturas num rasgo a toda a altura do volume. Mas não se perde a leitura de volume: o plano divide-se em partes que, ritmadas, não quebram a leitura de um todo.



Volumetria

O edifício é composto por um aglomerado de volumes que se articulam.

Os corpos das salas de aula, mais rígidos, contrastam com os mais expressivos volumes de articulação (mesmo quando estes ficam reduzidos a simples coberturas). Estes volumes centrais reflectem a união entre partes iguais. O volume central marca também, pela verticalidade dada pelos lanternins, as entradas.



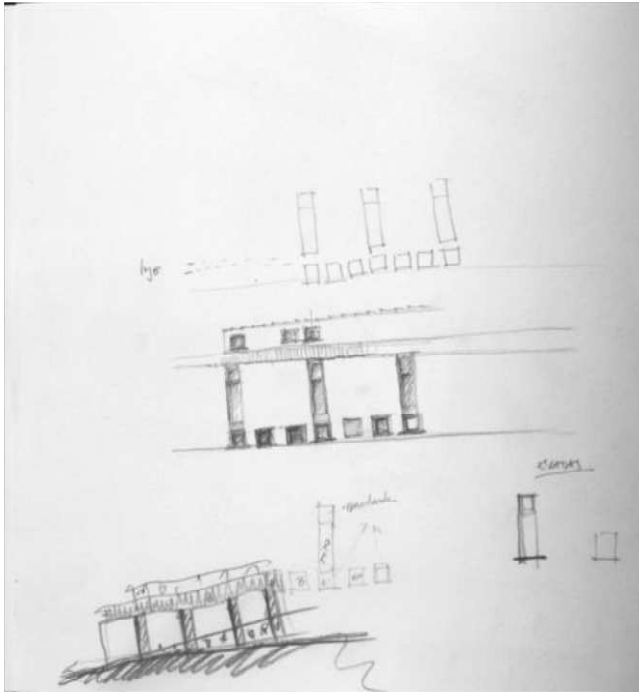
Cobertura

A cobertura expressa a rigidez do programa. No interior das salas, a inclinação do plano do tecto, permite um segundo alçado: viradas a norte, as janelas de pequena dimensão permitem a entrada de luz norte. A cobertura destes volumes é, mesmo com a presença desta quebra, bastante regular, contínua em toda a sua extensão. Mas nos espaços de articulação entre eles (circulação e espaço polivalente) é pela cobertura que se revela o choque da junção entre as duas partes. A leitura de edifício composto por várias partes, e de certa forma fragmentado, é acentuada pelas diferentes alturas e inclinações das coberturas. No recreio coberto, assim como nos espaços interiores, a estrutura da cobertura cria ritmos transversais intervindo na leitura espacial. É também estruturadora de espaço.

Relação com a envolvente

A percepção que temos, desde o espaço público, é a de um quarteirão verde. Apenas em certos momentos, o edifício surge entre a vegetação. A partir do interior, o contacto com o exterior fica praticamente reduzido ao recreio. Somente na fachada norte há um contacto visual com o espaço público, mas que se torna diluído pela frente de árvores.

O próprio edifício separa o espaço público do espaço da Escola. Apenas o espaço de recreio é ladeado por um muro que permite o contacto com o interior do quarteirão, também ele verde.



Interior | Exterior

Todos os espaços interiores são geométrica e funcionalmente puros: o momento de ligação entre eles fica reduzido a um plano, a uma porta. Não há continuidade espacial mas sim uma compartimentação.

É possível dar um nome a cada espaço pois os seus limites são definidos, têm um princípio e um fim.

Nos volumes das salas de aula há diferentes tipos de contacto com o exterior.

Nos corredores, o exterior é perceptível como uma imagem, como um espaço contíguo mas não contínuo. Nas salas, pela continuidade das paredes divisórias, brancas, até ao exterior, há também uma continuidade espacial, apenas visual.

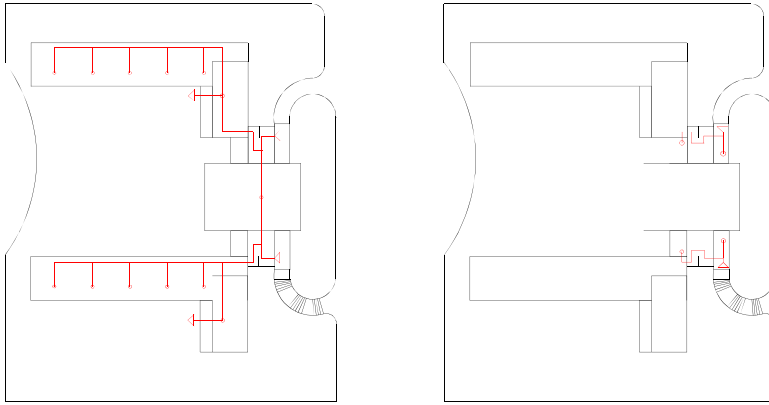
Um dos principais momentos de continuidade corresponde às portas de salão polivalente para o espaço de recreio. Mas hoje, no lugar das portas transparentes, um plano de tijolo de vidro transforma o grande espaço num espaço interior que do exterior apenas recebe a luz.

No exterior, a fluidez de espaços é muito diferente, o recreio coberto, apesar de ser também um espaço regular, abre um dos seus planos ao amplo recreio descoberto.

- ◀ Entrada
- Circulação
- ◀ Acesso ao recreio descoberto

1º Percurso do aluno - acesso às salas de aula, refeitório e recreios

2º Percurso técnico - acesso às zonas técnicas



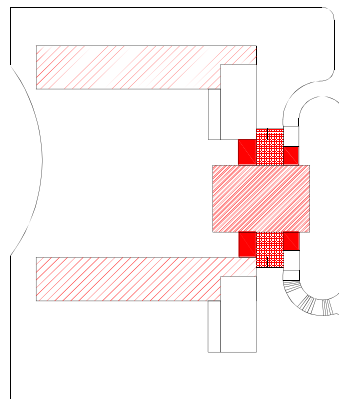
Espaço de entrada e distribuição (os dois rectângulos que se situam entre os espaços técnicos e o espaço colectivo liga-os)

Espaço colectivo (o rectângulo mais *central* rodeado, tocado por outros dois espaços, o de entrada e o técnico. o rectângulo preenchido pela segunda mancha com a menor quantidade de *riscas*.)

Espaço de turma (compostos pelos dois rectângulos mais cumpridos e com menor quantidade de mancha)

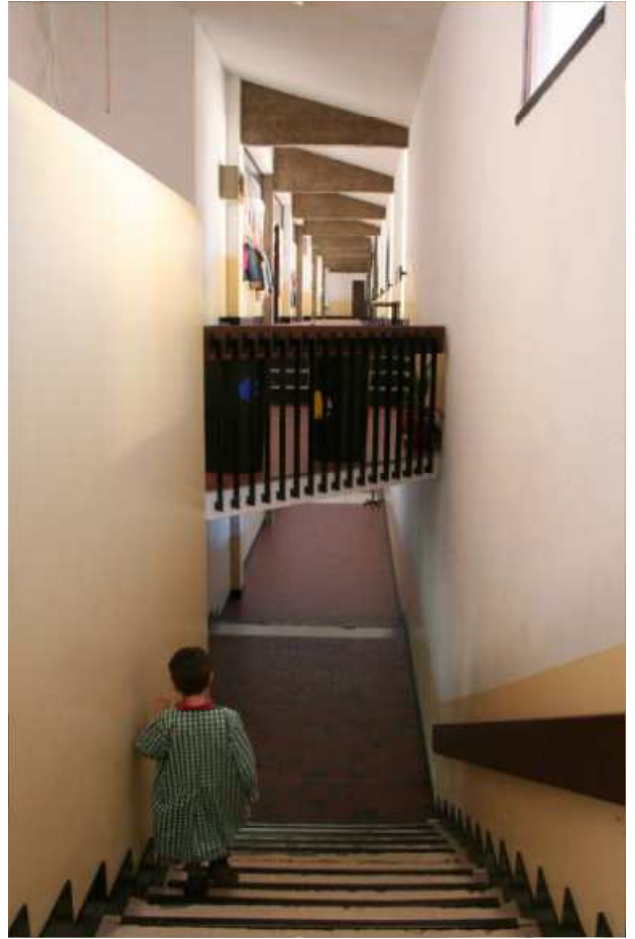
Espaço técnico (os quatro rectângulos de menor dimensão)

3º Hierarquia dos espaços internos



Programa

A escola do Cedro é uma das obras onde Fernando Távora mais questiona o programa que lhe é dado. Apesar da rigidez de um programa oficial, há uma interpretação. Segundo Álvaro Siza, Fernando Távora não é autor de simbolismos mas nesta obra o espaço polivalente surge como ponto de encontro de todo o desenvolvimento da escola e aqui, o programa juntamente com a interpretação que o Arquitecto faz, dão forma. Neste momento, unem-se as duas alas: uma correspondente ao ensino feminino e a outra ao masculino. Havendo uma separação de sexos na entrada, salas de aula e recreio, este é o único momento de junção. Hoje, não há uma distinção, por sexo, no ensino. Actualmente, o funcionamento da escola ocupa apenas uma ala de salas e um espaço de recreio exterior.



Escala

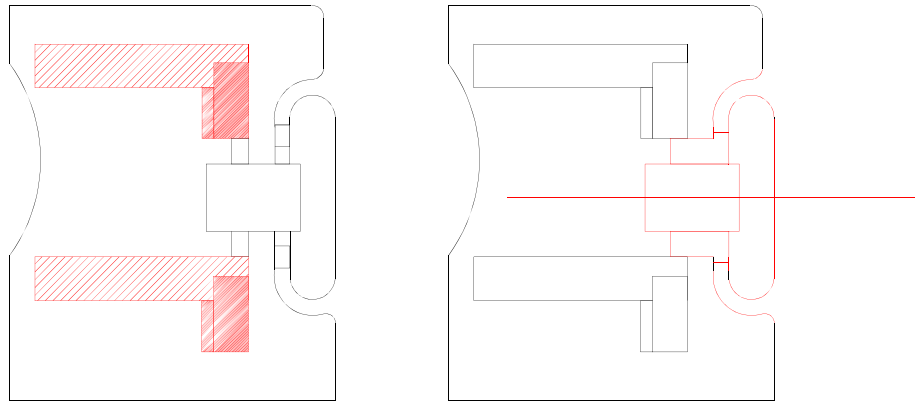
As árvores envolvem o edifício. Não há, por isso uma percepção de um todo mas de partes que espreitam nos vazios do verde. A leitura global que percebemos nas fotografias da altura está, assim, alterada. Apesar desta fusão conseguida pelo tempo, os lanternins do salão polivalente assumem uma escala que deixa adivinhar a dimensão do espaço interior. Pela horizontalidade, os espaços de recreio coberto aproximam-se da escala infantil.

Nos corredores de acesso às salas de aula a estrutura da cobertura marca a existência de um segundo tecto mais próximo dos mais pequenos.

Detalhe

Orientadas a sul, mas durante a manhã sob a sombra do telheiro do recreio, o desenho das janelas das casas de banho revela uma preocupação em compensar a perda de luz: o cruzamento da rigidez de um vão tradicional com a janela-ronchamp. A mesma preocupação surge no desenho de janelas que iluminam a galeria inferior de acesso às salas no volume a sul. Sendo semienterrado, o corredor é iluminado pelas janelas encostadas ao tecto.

Uma inflexão do plano da parede permite uma maior entrada de luz.



1º Desenho representa a: Repetição

2º Desenho representa a: Simetria (a linha contínua vermelha representa o eixo de simetria)

Módulo

Havendo elementos que se repetem, não há, no entanto, a percepção de uma modulação.

Os volumes das salas de aula juntamente com o espaço de recreio coberto e o espaço de articulação formam um elemento que se repete. No entanto, a forma de chegada aos espaços torna muito diferente o modo de apropriação dos espaços: no volume sul, existe uma circulação interna desde a entrada às salas enquanto que no volume norte, a ligação faz-se através do espaço exterior (apesar de coberto).

Nos alçados norte destes volumes também há repetição de elementos: as janelas de iluminação dos corredores. Mas esta repetição, mais do que uma leitura modular, atribui aos espaços um ritmo criado pelas entradas de luz.



Ritmo

Os elementos estruturais são, também eles, criadores de ritmo. Nos corredores, estrutura e luz ritmam o desenvolvimento da galeria. A alternância dos elementos estruturais – parede branca – pilar – criam um segundo ritmo que corresponde e assinala a divisão das salas.

Luz e Sombra

Nos corredores de acesso às salas de aula o ritmo criado pela luz e pelos elementos estruturais revela, segundo Álvaro Siza, o conhecimento dos corredores dos palácios e conventos portugueses. Também na sala polivalente são estes os elementos que atribuem ao espaço, regular, um certo dinamismo. Ao longo do dia, a luz que entra através dos lanternins vai percorrendo o espaço interior. Na hora da refeição, para além de uma luz constante, geral, uma luz directa incide sobre o plano das mesas.

No exterior, os contrastes entre planos de luz e sombra resultam da expressividade dos recortes volumétricos. Os vãos, ligeiramente recuados do plano branco de fachada, são, mais do que planos de vidro, vazios nos volumes. O contraste claro – escuro acentua a expressividade mais mediterrânica.

